

Diálogos, interfaces e desafios em estudos sobre a linguagem em ação

Jane Quintiliano Guimarães Silva

Juliana Alves Assis

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes

Interação social, linguagem na interação, dialogicidade da linguagem e alteridade são temas que integram a linha de discussão dos trabalhos que compõem este número da revista *Scripta*. Como sabemos, trata-se de temas que vêm se revelando fecundos para os estudos contemporâneos da linguagem, a partir, sobretudo, das contribuições do Círculo de Bakhtin, as quais, é inegável, provocaram um redimensionamento, em termos paradigmáticos, na forma de investigar o funcionamento da linguagem, os fenômenos que o abarcam, ao se levarem em conta a historicidade, o sujeito, o social, questões, até então, distantes dos modelos dos estudos linguísticos e literários. Assumindo como tese a natureza dialógica da linguagem como fator constitutivo de seu funcionamento, o Círculo de Bakhtin cria um novo objeto teórico para a ciência da linguagem, cujas influências são notadamente reconhecidas nos estudos linguísticos e literários, e nas Ciências Humanas em geral (BRAIT, 2006).

No núcleo conceitual dessa perspectiva, a língua é percebida como um objeto vivo, cuja realidade e/ou substância fundamental é a interação verbal, realizada através da enunciação ou enunciações, como postula Volochínov (1990, p. 123). Nessa formulação, em que se deixa entrever a crítica à linguística que se funda na noção de um sistema de regras ou código, refletem-se as bases de um projeto para a teoria dialógica da linguagem ou da enunciação: a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção (*ibidem*, p. 124); a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (*ibidem*, p. 112); toda enunciação é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. [...] não passa de um elo da cadeia dos atos de fala (*idem*, p. 98).

Nessa rede conceitual, outro ponto importante para a discussão das temáticas em pauta, no quadro da problemática dialógica ou interacionista, diz respeito à apreensão do discurso do outro. A atenção à palavra do outro, à recepção da palavra do outro, à compreensão responsiva, analisa Bakhtin (2003), é um processo

dialógico que envolve uma confrontação entre as palavras alheias e as palavras já apropriadas pelo sujeito, essas últimas, num dado momento, foram do outro. As palavras alheias são não neutras, vazias de valoração. Elas estão carregadas de muitas vozes que representam valores sociais, orientações ideológicas. É nesse sentido que Bakhtin afirma que o sujeito não é um ser adâmico, um sujeito dotado de uma só voz social. Por esse raciocínio é que Bakhtin diz que a consciência do sujeito é povoada de muitas vozes sociais, em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias. Desse ponto de vista, assume-se a interação verbal, dentre as interações sociais, como fundadora e mediadora da construção da consciência do sujeito. A mediação pelo outro e pelo signo caracterizam a atividade mental.

Ainda a respeito dessa questão, temos um argumento defendido por Volochinov (1990): a situação social e os signos engendrados na interação verbal incidem sobre o processo da formação da consciência individual, como organizadores da atividade mental. Sobre essa reflexão, Faraco (2003, p. 81), em seu livro sobre as ideias do Círculo de Bakhtin, comenta que a dinâmica do mundo interior é em essência sociossemiótica (sem signos não há consciência) e, por isso mesmo, heterogênea, na medida em que a realidade linguístico-social é heterogênea. E sua dinâmica interior decorre da dialogização dessa heterogeneidade.

Para finalizar, retomamos que, nessa linha de discussão, em que se traz para centralidade dos estudos a questão da interação verbal, concebida como um fenômeno complexo por envolver múltiplos fatores em intrincadas relações, o corpo de conceitos e noções proposto pelo Círculo de Bakhtin tem permitido novas possibilidades teóricas e metodológicas para o aprofundamento da compreensão desse objeto e também novos desafios para as nossas certezas.

Nessa linha, importa igualmente destacar que a interação é hoje um objeto de estudo de diversas disciplinas e/ou correntes teóricas que convergem para a chamada abordagem interacionista, no bojo da qual se situam o interacionismo simbólico, a etnografia da comunicação, a etnometodologia, correntes teórico-metodológicas dos campos da Sociologia e da Antropologia que ampliam o nosso olhar para perscrutar as nuances desse fenômeno.

Esse é o desafio que os artigos aqui reunidos nos apresentam, construindo pontes entre as diversas teorias que tomam como objeto a interação e a linguagem na interação, elegendo, para isso, como cenário investigativo, a formação e a atuação profissional.

Perseguindo esse propósito, os seis primeiros artigos que abrem este número da revista apresentam resultados de análises e pesquisas, experiências didáticas

ou propostas de ensino em língua portuguesa ou em língua estrangeira; discutem temas, conceitos e questões do campo da linguagem, apoiados na perspectiva da interação humana, à luz de estudos de natureza discursiva e sócio-histórica.

Assim, no primeiro artigo, sob viés etnográfico que pressupõe que a identidade profissional é construída na interação, com base na mobilização de recursos discursivos agenciados nas situações interativas, Paula Bacarat De Grande e Angela Kleiman apresentam uma análise contrastiva a partir de duas experiências formadoras com professoras de séries iniciais na Educação Básica. Os dois eventos formativos – um promovido por instância oficial, dentro de limites institucionalmente impostos e sob a coordenação de uma profissional responsável por avaliar “as demandas dos professores frente às metas e prioridades da escola” e organizar “as ações de formação continuada”, e outro, mobilizado pelas próprias docentes para discutir ações coletivas de interesse das escolas envolvidas – são postos em confronto pelas autoras de modo que os leitores percebam os efeitos de práticas de letramento reguladas segundo condições sócio-históricas determinadas. Essas práticas são analisadas a partir de uma perspectiva dialógica e sociointeracional – a Análise da Conversa, a Sociolinguística Interacional e a Microanálise Etnográfica da Interação –, cujos instrumentos analíticos mostram a relevância de se examinarem as construções interacionais em curso e as relações estabelecidas entre lugares e papéis interlocutivos, de modo a flagrar seus efeitos sobre a capacidade de agência do profissional docente frente a ações formativas.

Como pôr em prática os princípios de um ensino de língua integrado que promova a articulação entre gramática e texto, como orientam documentos prescritivos oficiais? O que é possível ensinar, tendo em vista manuais didáticos disponíveis para o ensino e a aprendizagem de línguas? As propostas de atividades contemplam um ensino que leve em conta o funcionamento da linguagem? Essas são algumas das questões discutidas por Ecaterina Bulea Bronckart, em seu artigo, cuja proposta objetiva, à luz de estudos de perspectiva sociointeracionista, examinar, no contexto da Suíça francófona, os efeitos de documentos oficiais prescritivos e manuais didáticos de língua francesa, para o ciclo 2 do primário (alunos de 8 a 12 anos), sobre a reconfiguração didática e a formação docente. Na primeira parte do artigo, a autora apresenta uma síntese dos avanços promovidos, no campo dos estudos da linguagem e da didática de língua francesa, por pesquisas de linguistas e estudiosos cujo foco se volta para a promoção de práticas de ensino que levassem os estudantes ao domínio prático da língua, isto é, que objetivassem o desenvolvimento das capacidades de comunicação e expressão dos alunos, tornando-os aptos a compreender e a produzir textos em uso na sociedade. Pela

exposição, é possível reconhecer que os documentos sinalizam para uma didática de línguas que considere a heterogeneidade e o plurilinguismo, o desenvolvimento das mídias e da informática, bem como as transformações experimentadas pela escola devido à introdução de novos saberes e novos parâmetros de avaliação. Na segunda parte, Bulea passa a examinar exemplos ilustrativos de atividades propostas por manuais adotados em escolas suíças francófonas, de modo a evidenciar a distância existente entre as prescrições e os meios de que dispõem os professores, o que leva a repensar necessidades no campo da formação docente. As atividades examinadas, ainda que utilizem gêneros diversos para a aprendizagem do francês, em práticas de compreensão e produção de textos, não exploram potencialidades linguísticas que constroem os textos, nem relacionam os tópicos gramaticais estudados na unidade à seção “gramática”. As interações entre o aparato linguístico que constrói o texto e as dimensões semânticas e pragmáticas não são claramente explicitadas, provocando, muitas vezes, um esgotamento do investimento analítico em um texto somente, sem abrir espaço para um diálogo intertextual ou um confronto entre gêneros, segundo critérios linguística e didaticamente sustentados, tarefa a que se dispõe a autora na terceira parte de seu artigo.

Com a preocupação de abrir os horizontes da escola, Maria de Fátima Ramos de Andrade e Ana Sílvia Moço Aparício, em seu texto, discutem a importância de refletir sobre diferentes sistemas semióticos no contexto contemporâneo, com vistas a ampliar o conceito de alfabetização. Convocando especialistas do campo da linguagem e da formação, especialmente os de Pedagogia e Letras, a repensar o papel da escola como formadora de leitores e produtores de textos e como instância ativa na busca de diálogo com as linguagens que circulam nas (e pelas) tecnologias, as autoras apontam para a necessidade de um trabalho voltado para a “alfabetização semiótica”, em que se consideram não só as palavras, mas também as imagens, os sons, as diferentes linguagens. Para demonstrar os efeitos da cultura da escrita sobre as mentalidades e os modos de viver socialmente, as pesquisadoras empreendem um percurso histórico, elegendo aspectos relevantes da história da escrita, procurando destacar os diferentes sistemas de representação construídos pelo homem, desde a pré-história, em sua ânsia para registrar, informar, interagir. No artigo, são examinados os estudos que se voltaram para a reflexão sobre a hegemonia da escrita no processo civilizatório, a cultura de massa, a era tipográfica, a era tecnológica, seus meios e suportes na contemporaneidade. O conceito de “alfabetização semiótica” proposto no trabalho considera a escrita em expansão, de modo a compreender o mundo como linguagem, isto é, “um grande texto”.

No quarto artigo, Renata Santos de Morales, Noeli Reck Maggi e Rebeca Martinez Américo apresentam ao leitor uma experiência com ensino de língua espanhola, sob a perspectiva sócio-histórico-cultural, com foco no princípio da mediação proposto por Vigotsky, a partir de uma concepção de currículo como agregador “de teorias, princípios e conceitos, temas transversais e experiências teórico-práticas”. Considerando que o desenvolvimento do sujeito, incluindo a sua aprendizagem, ocorre de modo intimamente relacionado à apropriação da sua cultura, as autoras apresentam proposta didática em que os estudantes, ao realizar atividades que não consistiram apenas em exercícios estruturais, vivenciaram uma experiência transversal de construção de conhecimentos, que incluiu a leitura de um texto, a exibição de um vídeo e a sistematização de usos de tópicos linguísticos de língua espanhola. A ação mediada permitiu aos participantes, pela mobilização de sistemas semióticos diferenciados, interagir com novos saberes e ter acesso ao campo das significações com o uso da linguagem.

Também sob perspectiva etnográfica, valendo-se dos postulados da Sociolinguística Interacional e do Círculo de Bakhtin, o trabalho de pesquisa desenvolvido por Fernanda de Castro Modl tem como objeto de investigação cenas de interação didática de dois grupos (um alemão e um brasileiro) de uma mesma etapa de escolarização. Os resultados da pesquisa, discutidos pela autora, permitem observar como o uso da palavra em sala de aula e o modo como professor e alunos se posicionam como falantes e ouvintes no cotidiano escolar estão submetidos a convenções culturais, tanto em termos de uma cultura escolar ocidental, quanto de uma cultura escolar local. De uma densa análise de um *corpus* constituído de filmagem em vídeo de um conjunto de cenas de interação dos dois grupos observados, esse estudo extrai conclusões de que o uso da palavra nas aulas observadas revela traços culturais do modo como sociedades representam a própria instituição escola e projetam os papéis comunicativos e sociais de aluno e professor, deixando entrever que a sala de aula é um espaço discursivo regido por regras e normas de interação bem específicas. Explica a autora que, enquanto no contexto das práticas de sala de aula do grupo alemão, os jogos de interação e interlocução, construídos entre professor e alunos, orientam-se por um conjunto de regras conversacionais e disciplinares rígidas e explícitas que projeta os usos da palavra relativamente à sua posse e à sua distribuição na dinâmica da aula, sempre controlada pela professora, no contexto das práticas de sala de aula do grupo brasileiro, os jogos de interação e interlocução entre professora e alunos se pautam por uma dinâmica interacional caracteristicamente distinta no que respeita ao controle da posse da palavra e de sua distribuição. Um ponto que

distingue os dois grupos, segundo a pesquisadora, é que, no cenário brasileiro, paralelamente à fala da professora, ocorrem microinterações entre os alunos no curso da aula, o que requer da professora um trabalho de constantes negociações com os alunos para envolvê-los na atividade pedagógica em pauta, realinhando os papéis comunicativos e a distribuição da palavra.

Como desenvolver práticas didáticas com leitura, escrita, fala e escuta que sejam significativas para estudantes de Ensino Médio e que efetivamente levem ao desenvolvimento de capacidades leitoras e de produção textual oral e escrita? Esse desafio foi proposto por Sinval Martins de Sousa Filho e Maria de Fátima Furtado Baú e sintetizado no sexto artigo deste volume, o qual evidencia a relevância da Pedagogia de Projetos para possibilitar um trabalho que torne o estudante sujeito do processo de ensino-aprendizagem. O *Projeto Minha Autoria* foi desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa, em uma turma de segundo ano do Ensino Médio de uma escola pública da região Oeste de Goiânia, e implicou a utilização de procedimentos metodológicos de concepção interacional e discursiva que permitissem dar a voz aos alunos participantes do projeto: entrevista semiestruturada, questionário com questões abertas, diário de campo produzido por alunos e professora e contos produzidos pelos alunos para uma coletânea de contos organizada e elaborada pelos alunos. Sob uma perspectiva dialógica de língua, linguagem e trabalho com textos, as análises demonstram que é possível desenvolver o protagonismo e a autonomia dos alunos a partir de uma proposta de ensino de língua construída por meio de atividades interativas, coletivas e negociadas pelos participantes.

Em um segundo conjunto de cinco textos, são focalizadas questões ligadas à formação, à atuação e ao trabalho docente, em uma linha de discussão que contempla, como objeto de estudo, as representações sociais (des)construídas por sujeitos do campo da docência. Os artigos, embora se pautem por percursos de investigação distintos, abrangendo *corpus* de análise, pressupostos e enquadramentos teórico-metodológicos específicos, inscrevem-se em um viés transversal, assegurado pela concepção de que os discursos, atualizados em textos orais e/ou escritos, são atravessados de sentidos e carregados de vozes que impactam os modos de dizer, de crer e agir do sujeito. Os resultados de pesquisa apresentados pelos artigos em tela traduzem a complexidade do fenômeno em estudo, oferecendo aos leitores diferentes perspectivas para abordá-lo.

Abrindo a linha de reflexão, encontram-se os resultados de uma investigação, empreendida em um curso de Letras acerca de representações sobre o trabalho docente, apresentados no artigo de Vanessa Bianchi Gatto e Marcia Cristina Corrêa. Voltando-se para os discursos produzidos por um estudante de Letras, em

etapas de sua formação (primeiro, terceiro, quinto, sétimo e oitavo semestres), as autoras objetivam examinar a influência das experiências concretas vividas pelo licenciando, em suas interações mediadas pela linguagem, na construção e no desenvolvimento de representações sobre o trabalho do professor de língua e literaturas. Para examinar as entrevistas feitas em cada etapa da graduação, o estudo recorre a uma metodologia de análise de feição interpretativista, buscada em aportes teóricos de base habermasiana, como os mundos representados, e do Interacionismo sociodiscursivo, sob influência vigotskiana, além de valer-se também de contribuições das ciências do trabalho. Nesse quadro teórico, as autoras alinham-se à tese de que o desenvolvimento dos indivíduos se constrói socialmente, em ambientes constituídos e organizados por diferentes pré-construídos, pela mediação da atividade linguageira responsável pelos processos de apropriação e transformação desses pré-constructos. Focalizando especialmente o nível de responsabilização enunciativa da arquitetura textual bronckartiana, a análise empreendida pelas pesquisadoras salienta a heterogeneidade do discurso do estudante participante, sobretudo em momentos em que se percebe a interação da voz do locutor com outras vozes, inclusive com a do sujeito empírico em situações de práticas de estágio, o que salienta a interferência de outros discursos na (des) construção de representações sobre a docência, ao longo do processo de formação profissional. O estudo permite demonstrar que, embora as vozes emergentes de sistemas externos – mídia, universidade, entre outros – influenciem, de modo “sufocante”, as representações sobre a ação e a identidade do profissional docente, pela força do senso comum, os discursos do universitário de Letras permitem divisar o papel ativo do sujeito na transformação de concepções cristalizadas, o que assinala o protagonismo do licenciando na (re)construção do perfil identitário do profissional da docência.

Também na esteira de estudos voltados para a força das crenças sobre a docência, Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros apresenta, em seu artigo, uma análise de representações emergentes em discursos de docentes de língua portuguesa participantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência / CAPES). Entre outros objetivos, esse programa pretende ampliar a interlocução entre a academia e a educação básica, por meio de atividades que propiciam a reflexão, o estudo, a discussão, além do desenvolvimento pessoal, cultural e profissional. As ações do grupo investigado, formado por licenciandos e professores coordenadores da universidade em que atuam a pesquisadora e professores-supervisores dos licenciandos, na esfera escolar, acontecem de modo integrado e implicam a idealização, o planejamento e a execução de projetos de intervenção,

além da reflexão sobre os problemas enfrentados no cotidiano e as possíveis estratégias que possibilitam superá-los. Valendo-se do arcabouço teórico fornecido pelos estudos sobre *ethos* e sobre representações sociais (RS), vistas como sistemas de valores, opiniões, crenças, emergentes de discursos produzidos socialmente, a pesquisadora examina um *corpus* composto de questionários respondidos por cinco professores de Língua Portuguesa, além de excertos de depoimentos de licenciandos. A pesquisa empreendida apontou para um percurso multifacetado de constituição de um *ethos* docente construído a partir de representações que emergem, ora de discursos acadêmico-científicos, ora do senso comum, compartilhado entre grupos e comunidades. O estudo revelou ainda que, embora seja(m) construída(s) no campo de um pensamento coletivizado, em que crenças cristalizadas assumem um peso significativo sobre as representações dos docentes, a(s) identidade(s) de profissional docente é(são) constituída(s) em interações imbricadas por um movimento complexo de interpretações e sentimentos singulares, silenciados ou explicitados, que emergem de práticas sociais e pedagógicas cujas concepções foram erigidas histórica e culturalmente.

Ainda com a preocupação de compreender os efeitos das experiências sociais dos indivíduos, o artigo de Ana Lucia Cheloti Prochnow, Ana Nelcinda Garcia Vieira e Maria Tereza Nunes Marchesan apresenta reflexões que põem em interface fundamentos de base vigotskiana e o estudo de crenças, assinalando pontos comuns entre pesquisas desenvolvidas na esteira do Interacionismo de base sócio-histórica e pesquisas sobre os efeitos das crenças no ensino e aprendizagem de línguas. As autoras salientam a relevância de investigações sobre as crenças de professores de línguas, assumidas, como no artigo precedente, a partir de abordagem metodológica de perspectiva descendente, que focalizam as dimensões sócio-históricas em que ocorrem as interações no contexto de ensino e aprendizagem, cujos significados são construídos com base em experiências históricas e culturais. Oferecendo aos leitores um breve histórico das concepções que subsidiaram os estudos de crenças, as pesquisadoras buscam ressignificar o termo, relacionando seu exame aos pressupostos teóricos que estão na base do conceito vigotskiano de internalização, processo relevante de construção de crenças, tendo em vista que estas decorrem de transformações de práticas vividas socialmente.

Dando sequência às reflexões sobre ações formativas, Anderson Carnin e Ana Maria de Mattos Guimarães problematizam, em seu artigo, a noção de cooperação, na perspectiva de estudos de linha interacionista e sociodiscursiva, investindo em reflexões que buscam compreender novas relações de colaboração entre universidade e escola, visando a produzir novos espaços de interlocução

e produção de conhecimento sobre a formação, o trabalho docente e a pesquisa acadêmica. Baseada na metodologia de pesquisa-ação, em contextos educacionais, a pesquisa apresentada envolveu, além dos autores, seis professores da educação básica, seis bolsistas de iniciação científica, três mestrandas e três doutorandos, além de uma professora vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. No escopo de uma formação continuada, o grupo foi vivenciando uma (co)construção de uma “comunidade de indagação”, visando não apenas à exploração de conteúdos, mas à reflexão sobre as práticas. Nesse processo de formação continuada cooperativa, em um espaço de valorização de saberes acadêmicos e profissionais, o grupo empreendeu novas formas de elaboração de projetos didáticos de gênero (PDG) que possibilitam levar os alunos de nível fundamental a participarem/protagonizarem práticas sociais mediadas pela leitura e escrita.

Em diálogo com os princípios vigotskianos, focalizando a construção de novas competências e habilidades, por parte do professor e do aluno, para interagir em práticas mediadas por ferramentas das tecnologias digitais, Jany Baena Fernandez e Dulce Márcia Cruz analisam resultados de uma investigação sobre a interação em Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA). O objetivo norteador do estudo é verificar não só a participação e o desempenho, em termos quantitativos, de duas turmas de alunos na produção coletiva e colaborativa em fórum em ambiente virtual de um curso de formação continuada de professores, mas também a concepção de interação e de aprendizagem que permeiam os partícipes envolvidos nesse contexto de formação. Para alcançar esse propósito, a pesquisa opera com *corpora* constituídos de materiais escritos, coletados nos fóruns virtuais, em entrevista, realizada por *e-mail*, com os professores mediadores e em questionários aplicados aos alunos. Explicam as autoras que, no desenrolar do curso, verificou-se uma grande oscilação entre as turmas, no que respeita à nota alcançada pelos alunos em atividades do fórum comparativamente à frequência e à interação, por parte deles, nesse ambiente. Segundo as autoras, a nota e o desempenho do aluno nem sempre expressam uma relação, diretamente proporcional, com as interações realizadas. Constatam, ainda, as autoras que, a despeito desse quadro, a concepção de interação expressa pelos alunos e o trabalho de intervenção dos professores mediadores nos fóruns, na forma de *feedbacks*, visando à cooperação e à agregação de novos conhecimentos, remontam a uma prática pedagógica que lida com a diversidade existente nos grupos de professores. Destacam que essa diversidade, presente nas interações nos fóruns e na representação de interação,

contribuiu para a formação acadêmica dos alunos, sobretudo para a atuação deles em produções coletivas e colaborativas, envolvendo saberes de diferentes ordens que extrapolam os chamados conteúdos programáticos.

Os dois artigos a seguir apresentam resultados de pesquisas que investem em interações protagonizadas por sujeitos afásicos. Inscritas no campo dos estudos contemporâneos da linguagem, em interlocução com as ciências da saúde, as pesquisas enfatizam suas discussões teórico-conceituais e metodológicas no eixo da relação entre linguagem, cognição e interação social, assumindo-se como pressuposto que a linguagem não é apenas uma representação simbólica, uma estrutura, um sistema de códigos, um produto da capacidade intelectual, mas, fundamentalmente, uma atividade constitutiva do sujeito, do ponto de vista cognitivo e social.

Nessa linha de discussão, Mônica Miranda Oliveira, em seu artigo, examina as funções e as estratégias comunicativas do uso do discurso reportado por indivíduos com afasia em interações do cotidiano. A pesquisadora defende a posição de que a fala reportada, ao direcionar a atenção para as palavras e vozes de falantes ausentes, é um modo de enunciação por meio do qual se amplia a estrutura de participação (os participantes da cena interacional falantes, ouvintes e espectadores) para além dos participantes presentes. Dessa perspectiva, explorando um *corpus* constituído de textos orais, gerados em situações de conversa entre a pessoa afásica e a pesquisadora, gravadas em vídeo, a autora, na discussão dos resultados da pesquisa, enfatiza que a fala reportada, pelo fato de representar seletivamente as palavras de outro, atribui ao falante – no caso, a pessoa afásica – a posição de sinalizar suas avaliações da fala e do falante que está sendo reportado.

Ratificando a tese de que as narrativas são coconstruções discursivas entre narrador e interlocutor, Livia Miranda Oliveira e Layanne Ferreira dos Santos Carmo apresentam resultados de uma pesquisa sobre o processo de ações coordenadas entre terapeuta e paciente afásico em construção de narrativas orais. As pesquisadoras, explorando um *corpus* constituído de narrativas orais, gerado em sessões terapêuticas de fonoaudiologia, buscam analisar e demonstrar como as ações do terapeuta, enquanto interlocutor colaborativo, podem contribuir para a construção linguístico-textual e discursiva de narrativa elaboradas por pacientes afásicos. Segundo as autoras, a pesquisa em pauta tem apostado em metodologias e em práticas terapêuticas que buscam compreender o que pessoas com afasia conseguem fazer com a linguagem e por meio dela, em trocas interacionais, ao invés de privilegiar abordagens que incidem sobre os déficits apresentados pelos afásicos, isto é, aquilo que eles não conseguem fazer com e por meio da linguagem.

Explicam as pesquisadoras que, nesses últimos anos, vêm-se consolidando frentes de pesquisa, estimuladas pela presença da reflexão linguístico-discursiva no campo dos estudos das patologias linguístico-cognitivas, que têm redimensionado o foco de investigação e, igualmente, a ação do profissional de saúde: de um interesse centrado exclusivamente na patologia apresentada pela pessoa afásica tem-se voltado atenção para a produção do discurso do afásico, suas construções discursivas, os modos de nomear e significar as coisas do mundo, os papéis comunicativos assumidos nas dinâmicas interpessoais em contextos interacionais.

Dando continuidade às reflexões oferecidas aos leitores desta revista, os três artigos seguintes apresentam resultados de pesquisas que tematizam a prática de revisão de textos acadêmico-científicos. Privilegiando-se uma abordagem que concebe a linguagem como uma atividade dialógica, os estudos em tela problematizam questões de diferentes ordens; por exemplo, as que remetem à atuação do revisor, no que tange aos modos como esse profissional intervém nos textos, ao caráter estritamente técnico que perpassa os manuais de normalização e, ainda, as que focalizam a interlocução entre revisor e autor em trabalho de leitura e discussão do texto, antes de sua publicação.

No âmbito dessa problemática, o artigo proposto por Renata Marques Gomide e Sérgio Roberto Gomide Filho volta-se para interrogar sobre a abrangência da revisão e como se estabelece o diálogo entre o revisor e o autor. Com esse propósito, esses pesquisadores, em consonância com os estudos do Círculo de Bakhtin, advogando o pressuposto de que revisar um texto pressupõe uma interação dialógica entre revisor/texto/autor, sem perder de vista o perfil de leitor que o próprio texto suscita, examinam o trabalho de revisão de quatro revisores profissionais empreendido em um único texto, um artigo acadêmico, para o que foi utilizado o recurso “controlar alterações” no texto, disponibilizado pelo processador de texto Microsoft Word. Nessa empreitada, o estudo se volta para refletir sobre a atuação do revisor de textos acadêmico-científicos, levando-se em conta os aspectos mais amplos da prática acadêmica, que abarcam não somente os procedimentos que orientam as intervenções linguísticas dos revisores, como também as intervenções relativas à normalização e formatação dos textos, que incluem um amplo conjunto de fatores decisivos para o reconhecimento de um texto como um evento comunicativo cientificamente válido.

Na sequência, encontra-se o trabalho de Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, que, defendendo a tese de que a intervenção do revisor de textos vai além do sistema linguístico e das questões normativas, propõe refletir sobre as normas de padronização do texto acadêmico-científico, valendo-se de um

conjunto de instruções de duas editoras – uma de Minas Gerais e outra de São Paulo – e três manuais de normalização. Como objeto de análise, são eleitas as prescrições relativas ao uso de aspas e itálico, do discurso relatado e das marcas de pessoa. Problematicando o caráter técnico-formal dos manuais de normalização, a pesquisadora analisa as instruções dos documentos consultados à luz de categorias analíticas advindas de teorias do discurso e da enunciação, a fim de pôr em evidência como esses instrumentos deixam à sombra ou neutralizam as recomendações redacionais que contemplem a natureza discursivo-enunciativa da atividade escritural. Assevera a pesquisadora que nos manuais de normalização vigora o ideário prescritivo da língua. A concepção de revisão de texto presente nos documentos consultados e os procedimentos de análise e revisão se distanciam de uma concepção que enfatize o trabalho do autor com e sobre a língua, com e sobre os discursos no gênero discursivo em questão. Na esteira dessa problematização, a autora argumenta igualmente que, em se tratando de textos acadêmico-científicos, não se faz necessário que o revisor conheça o quadro teórico-conceitual no qual se ancora o autor do texto em revisão, mas importa que o revisor conheça o funcionamento do discurso em que o texto revisado será consumido, o que significa conhecer o funcionamento dos gêneros no interior de suas práticas.

Focalizando a relação entre autor e revisor, entendidos como enunciador e coenunciador respectivamente, em situação de leitura e de discussão sobre a escritura do texto, Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista, em seu artigo, examina como, na interação entre autor e revisor, se engendra o processo de coconstrução do *ethos* dos interactantes nos processamentos da intervenção textual. O estudo, partindo do princípio de que o *ethos* é construído na instância da atividade discursiva, no interior da qual atua um jogo de faces, organiza as suas formalizações teórico-conceituais à luz dos postulados da Análise do Discurso em interface com os da Sociolinguística Interacional. Para levar a efeito essa empreitada, a pesquisa, em termos metodológicos, conta com um *corpus* constituído de gravações em áudio de sessões de leitura e de discussão de duas obras distintas, realizadas pelos seus respectivos autores e revisores. Os resultados a que chega o estudo revelam que, nesse processo interlocutivo, instaura-se um trabalho colaborativo do processo autoral, em que o revisor, ao investir-se do lugar de um leitor atento e criterioso, conhecedor do assunto e não mero corretor do texto, possibilita que o autor se implique em um exercício de alteridade explicitado nos textos, pressupondo-se, nesse trabalho, o que se pode interessar ao leitor em potencial.

Os dois artigos a seguir, sob perspectivas e enquadramentos teórico-metodológicos distintos, trazem para a discussão a emergência de práticas

discursivas que põem em cena vozes de grupos sociais que, historicamente, foram estigmatizadas, em detrimento de discursos monológicos, engendrados nos chamados domínios institucionais autoritários, o jurídico e o militar. São estudos do campo da linguagem que se abrem para o diálogo com outras áreas do conhecimento, ampliando, nessa direção, novas possibilidades de compreender o sujeito e as suas realidades sociais.

Nesse enquadre, instigados pelas novas dinâmicas de comunicação entre vítimas, ofensores e suas comunidades de apoio propostas pelo movimento de justiça restaurativa, Ana Beatriz Ferreira Dias e Valdemir Miotello apresentam um estudo que procura compreender a estrutura comunicacional de práticas de justiça restaurativa instauradas no sistema penal. Mobilizando o conceito de dialogicidade e a questão da liberdade da palavra como problemática central da pesquisa, os autores, a fim de levar a efeito o propósito do estudo, examinam um conjunto de materiais didáticos dedicados à capacitação e à formação de coordenadores de práticas restaurativas, proposto pelo Programa Justiça para o Século 21, vinculado à Central de Práticas Restaurativas do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Porto Alegre. Nessa empreitada, tomando, como objeto de análise, os enunciados verbais e não verbais que figuram orientações para realização de dinâmicas de comunicação para resolução de conflito entre ofensor e vítima, os pesquisadores chegam à conclusão de que, diferentemente de um discurso monológico e autoritário vigente no domínio jurídico, as práticas restaurativas anunciam um movimento contemporâneo dialógico, ao se configurar como espaços de dialogicidade, criando condições para que os sujeitos mais diretamente envolvidos no conflito tenham o direito de fala, o direito de construir o seu percurso interpretativo sobre os fatos, os outros enunciados, as outras verdades.

Em uma perspectiva microinteracional, a partir de uma análise discursiva que privilegia os modos narrativos, beneficiando-se igualmente de categorias goffmanianas sobre a apresentação emergente do *self* na interação, o estudo apresentado por Flávia Huber Costa e Liana de Andrade Biar se debruça sobre narrativas de discriminação homofóbica no contexto militar, contadas por militares *gays*. As reflexões trazidas pelas autoras no artigo integram uma pesquisa maior que se volta para observar como o fenômeno da homofobia no contexto militar é construído pelos próprios protagonistas das histórias de perseguição homofóbica. No trabalho analítico dos relatos, as autoras, explorando os discursos narrativos e modos de textualizá-los pelos narradores, os atores sociais da pesquisa, trazem à baila as vozes que denunciam as práticas de perseguição homofóbica, dos discursos

monológicos e autoritários engendrados no domínio das instituições militares. Esclarecem as autoras que o trabalho busca contribuir de forma aplicada para a construção de entendimentos sobre contextos em que *performances* identitárias da vida social de indivíduos impactam suas relações e avaliações profissionais e institucionais.

Para fechar o conjunto de artigos deste volume, Carla Teixeira apresenta um estudo que se volta para as relações intrínsecas entre a atividade discursiva e o gênero textual, de modo a materializar a ação pretendida por meio da recensão crítica do domínio jornalístico que visa influenciar os leitores na escolha e na compra de vinhos. Assumindo os pressupostos teóricos e metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo conjugados ao campo da Teoria do Texto, a autora analisa um *corpus* composto por trinta textos em circulação na esfera midiática portuguesa, recolhidos entre 2006 e 2011, pertencentes ao gênero textual recensão crítica e voltados para a atividade de produção e de comercialização vinícola. A autora aciona uma metodologia analítica de lógica descendente, examinando em contexto e de modo integrado às formas de organização coletiva da sociedade de consumo as propriedades linguísticas dos gêneros de discurso responsáveis por ações de linguagem, tais como: avaliação de vinhos a partir de domínio de conhecimento; sugestão, recomendação, aconselhamento e orientação. O estudo da arquitetura interna dos textos examinados, em particular no subnível dos mecanismos de responsabilização enunciativa, por meio de modalizações e outras estratégias linguístico-discursivas, permite apreender pistas da atorialidade dos locutores (especialistas ou não especialistas), de relações interlocutivas mais ou menos autoritárias, bem como de espaços e lugares enunciativos próprios de gêneros de incitação à ação.

Para fechar este volume da *Scripta*, contamos com dois importantes trabalhos, uma entrevista e uma resenha acadêmica, os quais, transversalmente, com as suas discussões, possibilitam ampliar as reflexões sobre a temática aqui em estudo. A entrevista com o Professor Júlio Araújo, da Universidade Federal do Ceará, realizada por Francisco Vieira da Silva e Ananias Agostinho da Silva, aborda questões sobre os letramentos digitais de docentes, a instabilidade dos gêneros digitais, as perspectivas para o futuro no que tange ao uso das tecnologias contemporâneas no ensino de línguas. Um dos pontos altos da entrevista, frisado pelo pesquisador, é que, para que as relações entre as tecnologias digitais signifiquem avanços nos cenários pedagógicos do ensino de línguas, impõe-se que o protagonismo docente seja sobrepunente aos modismos tecnológicos e teóricos. Argumenta o pesquisador que somente se conhecendo a sintaxe dos ambientes digitais e o funcionamento

de suas ferramentas é que se pode reconhecer as possibilidades didáticas que se mostrem relevantes para demanda do trabalho pedagógico.

O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa, organizado por Lilian Lopes Martin da Silva, Norma Sandra de Almeida Ferreira e Maria do Rosário Longo Mortatti, publicado em 2014, pela editora Autores Associados, é o livro resenhado por Janaina Zaidan Bicalho Fonseca. Essa obra presta homenagem ao livro *O texto na sala de aula*, uma coletânea organizada por João Wanderley Geraldi, publicada em 1984, considerada um marco inicial de um momento histórico caracterizado por uma revolução conceitual no ensino de Língua Portuguesa no Brasil. Sob um olhar crítico, a resenhista apresenta ao leitor uma detalhada descrição da organização da obra, mergulhando na discussão que cada um dos artigos faz sobre a trajetória do livro *O texto na sala de aula*, e seus impactos no projeto de formação de professores para o ensino de Língua Portuguesa, a partir dos anos 1990, daqueles que buscam as desejadas mudanças no ensino dessa disciplina.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1990.

Dossiê

Interação, formação e
ação profissional

